



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Proprietária: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Director e Editor: PADRE AMÉRICO

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Vales de correio para Paço de Sousa — AVENÇA — QUINZENÁRIO

2 DE JUNHO DE 1956
Ano XII — N.º 320 — Preço 1800

A nossa festa no Coliseu do Porto

Horas antes de começar o espectáculo já estava a bilheteira rapada!! Não é o público das festas; é sim uma outra assistência. Quem souber ler, é isto mesmo que nota no semblante e compostura; famílias que só saem de sua casa uma vez por festa. Eis aqui a festa e eis aqui as famílias.

Dois pontos verdadeiramente emocionantes; um quadro vivo representando a Família de Nazaré e outro quadro vivo com a presença real de 12 rapazes da casa do gaiato, suas esposas ao lado. Tivesse sido possível ir buscar outros onde hoje se encontram e duplicava-se aquele número. Poderiam vir ao palco. Este é o esforço e tendência de uma Obra que procura ser completa.

A Família de Nazaré deve ter produzido na alma de todos impressão duradoura, por isso se pode afirmar que as nossas festas são um aperitivo. São o aperitivo que dispõe para a próxima. Era uma pequenina «Nossa Senhora» a fiar na roca. O Jaimito, ao pé, cantava «Nossa Senhora faz meia...». Um nadinha mais além era um banco de carpinteiro, onde trabalhava um «homem» de barbas e um pequenino de plaina na mão, fazia o mesmo. A certa altura este pequenino, o Adriano de cinco anos, faz uma cruz de duas ripas, toma-a por si mesmo e deixa-se ficar, braços estendidos n'ela. Mas isto é o resumo da vida. O pequenino foi mestre daquela noite. Todos quantos ali estavam, pela sua formação espiritual, compreenderam e aceitaram. Todos nós afinal de contas, somos obreiros da Cruz!

Para o ano outra vez. O dia já entrou no programa. Os elementos principais são feitos da cedência da sala do Coliseu e da simpatia dos que a muito custam esperam.

CALVÁRIO

Um visitante deixou uma nota de 500\$ das novas. Uma avó do Porto prometeu 20\$ e eles aqui estão. «É também uma oração para que Nosso Senhor me ajude a levar o meu tão pequenino Calvário». Assim fala alguém de Alcobaça, enquanto deita na caixa uma nota de 500\$. Ora como o Calvário é o dote dos cristãos, não hão-de faltar deles e deles e deles que respondam à chamada. É o nosso elemento. Proquê, veja-se o que diz este médico estagiário em Lisboa:

«Junto envio um vale postal do valor de 100\$00, parte do meu primeiro vencimento. Desejava que fosse destinado ao «Calvário», organização que tem minha especial preferência visto ter conhecimento como médico estagiário, da situação precária e confrangedora em que ficam os doentes incuráveis logo que se lhe bate com a porta da Assistência Oficial impotente para casos fora do estatuto da Organização Burocrática». A obra de assistência que se adapta e responde à necessidade actual do Doente pobre, tem a comunicação da Vida de Deus. É um «escândalo»; é uma «loucura». Já temos ouvido dizer — «aquilo não dá nada».

Pede-se que este dinheiro (150\$) seja gasto no Calvário dos doentes, uma voz de Vila Lusó, Angola. «Escreva, escreva sempre qualquer coisa no «Famoso», mesmo na língua de

preto que tanto aborreceu um dia o leitor» — assim diz alguém de Aveiro, com a primeira prestação de 20\$ — «começo hoje a mandar a mesada». Também vão aqui 200\$ do Porto, referentes às mesadas de Abril e de Maio. Parece um imposto! Temos muitos assim, de várias terras e homens que não conhecemos. Quer dizer, obras desta natureza são feitas por obreiros de boa vontade, disseminados e desconhecidos, mas todos com a mesma base — o amor do Próximo.

Creio que a maior descoberta de um obreiro do Evangelho é o reencontro, na teia emaranhada que os homens complicam ao longo do tempo, do fiozinho simples, mas tenaz, da pura Doutrina do Mestre.

Dai, que a alegria de ter achado uma solução que já foi encontrada, mas que não deixa de ser agora, para o sujeito, uma verdadeira descoberta, no caso do citado obreiro, se converte na felicidade nascida da certeza do caminho andado, já que ele não faz a sua Obra, porém a d'Aquele por cujo Nome deu a vida.

É o trabalho de alma que nos fica depois de meditarmos as palavras do Santo Padre aos alunos e professores do Internato Nacional de Roma há pouco mais de um mês.

Trata-se de um colégio-internato de rapazes. Por diferentes que sejam as classes sociais, nada há nele de substancialmente diverso de uma Casa do Gaiato. Perigos e remédios — são da mesma espécie. O espírito que enformará a vida em uma e outra casa — o mesmo. Apenas o trabalho dominante é intelectual em uma e manual na outra. Ambas, porém, são comunidades de filhos de Deus. De filhos de Deus que, com pais na terra, ou sem eles, se encontram confiados à solicitude de outros que lhes fazem as vezes durante aqueles anos em que o homem irá sendo conforme for tratado ao longo deles.

Que apaixonante a responsabilidade a destrouros que, fazendo as vezes dos pais, não poderão fazer melhor do que parecer-se com eles! Portanto, não resulta conclusão forçada esta do que o ambiente mais favorável à espontânea formação das almas é a família.

Outra coisa não diz o Santo Padre: «É bem certo que o

Aqui, Lisboa!

ambiente familiar, como um ninho preparado pela natureza, quando seja assistido pela Igreja e auxiliado pela Escola, é o mais adequado para assegurar uma educação boa e até perfeita».

Ora este é o principio fundamental das Casas do Gaiato. Quem visitar Miranda do Corvo, Capelas nos Açores, Beire, Paço de Sousa — encontra ali famílias. E, se no Tojal e em Setúbal isto se sente menos, é que as casas são aproveitamentos, mas o espírito que nelas mora é ainda o mesmo.

A nossa hierarquia interna assenta na divisão da comunidade total em outras mais pequenas onde se tornem facilmente perceptíveis os laços familiares. Poder-se-ia estruturar esta organização no trabalho. Mas não é assim. Os Chefes de casa, no esforço formativo dos rapazes, estão acima dos chefes de trabalho, justamente porque nas horas mais íntimas são eles a presença do pai onde este não pode estar.

Não sei de outra realização mais fiel ao pensamento do Papa, que é o da Igreja, quando «as circunstâncias de lugar, de trabalho, de pessoas, impedem a família de se desempenhar, só por si, da difícil missão de educar seus filhos».

A verdadeira modernidade consiste em saber ser de sempre, ainda quando o ser de sempre tem um começo antigo. Este o segredo do Pai Américo, obreiro do Evangelho, descobridor humilde de coisas descobertas, feitor de uma Obra que não é sua, antes daquele por cujo Nome ele deu sua vida.

— x x —

Posta a regra basilar, o Santo Padre indica perigos próprios das comunidades de gente nova e meios de os remediar.

Poderíamos dizer que a segunda é o não esquecimento do caso de cada um, sempre que se legisla para todos. É afinal o ponto concreto, difícil da realização da vida familiar com rapazes de origens tão diversas e em número tão avultado. Contudo, nem por ser de difícil realização perde o valor de regra.

«A educação chamada de massa representa certamente menor fadiga, mas tem o risco de atingir apenas alguns, quando todos têm o direito de aproveitar. «É de contar em todos os casos a comunidade demasiado uniforme», porque «a inflexível exigência do regulamento fomenta por vezes a hipocrisia, ou impõe um nível

espiritual que para uns será muito baixo e para outros, pelo contrário, inacessível. A severidade demasiada acaba por transformar os caracteres fortes em rebeldes e os tímidos em aviltados e obtusos».

Ainda aqui é esta a nossa linha de rumo, apesar da tarefa absorvente que pesa sobre

Cont. na pág. DOIS

DO QUE NO'S NECESSITAMOS

Mais 60\$ de Macedo de Cavaleiros. Mais 400\$ de Ipanema, Rio. Mais 100\$ de Palhaça. Outro tanto de Vila Lusó, Angola. Mais 300\$ de Lourenço Marques. Mais 500\$ do Porto. Mais 50\$ «da percentagem do meu trabalho». Da Marizinha e Artur 60\$. Mais 100\$ de uma promessa. «Sou mãe de um pequenino de mês e meio», e mandou uma nota de mil escudos. «É mais feliz quem dá do que quem recebe». Esta sentença escondida nos Actos dos Apóstolos, mostra-se aqui em toda a sua evidência. «Um padre do Gaiato que pedia na igreja da Lapa, apanhou-me sem vintém» — e manda 50\$. Oh devoto! Mais 500\$ de Casadelo. Mais de Lisboa 258\$40. «Prometi que, se o meu marido ficasse bem num concurso que fez, o primeiro aumento seria para a Casa do Gaiato.

Graças a Deus ficou bem e como o prometido é devido, junto envio o aumento sem lhe tirar um tostão. Peço imensa desculpa de ainda não ter pago a assinatura do «Famoso» mas se Deus quiser para o mês que vem será».

«Sem lhe tirar um tostão!» Pudera tê-lo feito. Pudera ficar com tudo e não o fez!

Uma carta

«Há seis meses que assino o vosso e agora nosso jornal. Digo nosso porque depois de eu o ler ele ainda vai passar pelas mãos, pelos olhos e pelas almas de alguns.

Cada oportuno e mais verdadeiro, oportuno e orientador. A verdade cala cá dentro, as palavras simples e a descrição minuciosa do concreto põem-nos ao correr da realidade pura; os factos apresentados e as lições tiradas ficam a informar uma mente e a marcar presença numa vida.»

Ela é do Seminário da Sé — Porto, e mais nada.

Nota da Quinzena

Passando nós por Lisboa com pouca demora e tendo entrado por um pouco no Lar do Gaiato, a Renato Baptista, não tardou que o porteiro nos viesse anunciar duas senhoras. Mandei entrar. Ali, por sala de visitas, temos um quarto de hóspedes e mais nada. As duas senhoras foram assim recebidas.

Sentaram-se na cama e eu num caixote. Conversamos. Elas são das «Casas de Nossa Senhora do Amparo». Não lhes perguntei o nome. Uma delas tinha braço e ambas muitíssimo interessadas no assunto que ali as trouxera. Exibem um pequenino boletim informativo do que já está feito e do mais que querem fazer. O seu campo de acção é o Hospital do Rêgo, hoje lugar «de altos cumes de bondade, beleza e graça». Sabemos que nestes sítios os doentes da consulta externa são chusmas. Trazem distâncias, dores, farrapos e quase sempre em jejum. A consulta leva horas. Pois bem. As vicentinas, duas a duas como manda o preceito da caridade, servem a cada um e na hora própria o pequeno almoço e uma refeição. Isto é muito

Continua na segunda página

ISTO É A CASA DO GAIATO

Não admira que se duvide, quando eu próprio me custa acreditar e mais vivo no meio desta fauna miúda; de onde imediatamente concluo que toda a obra humana com base na natureza das coisas, suplantando sistemas e escapando ao conhecimento dos homens, mesmo daqueles que as fundam! Ora quero hoje falar particularmente da imensa desordem que vai na tipografia, oito horas em cada vinte e quatro. Como é possível termos fregueses no Continente, Ilhas e Províncias do Ultramar! Como é possível haver fornecedores que nos confiam máquinas de muitas centenas de contos e toda a sorte de material! Possível que nos acreditem; possível que nos perdoem; possível que nos adorem! Assim me quedo por largos momentos, à vista de trez dezenas de homens de meio metro, cada um deles em frente da sua obrigação. Fosse ele apenas o meio me-

— x x x —

tro, mas é mais; trabalham como homens e brincam como crianças. Oh misterioso desdobramento! A organização da desordem! Para não chamar por outros, vamos buscar o Tomar II, tipógrafo impressor, que foi buscar não sabemos aonde bichos da seda e agora todas as caixotas são poucas e todas as horas são boas para ir ripar folhas verdes. Temos o «Tituria», encadernador, este deliberou fazer um amigo de cada um seu colega, fornecendo-lhes caixotas para grilos, dum lote que o Manuel Pinto tinha guardado para expedição de trabalhos. O Guilhufe I, grande impressor da «Planeta» também é grande apaixonado dos pardais; arma ratoeiras e ainda bem não, lá vai ele espreitar, mas os pardais são pardade,

— x x x —

O senhor Tomar primeiro, rapaz de largas aspirações e ao serviço do Avelino, mandou imprimir cartões pessoais, onde resolveu chamar-se «contabilista»! A sua «contabilidade» resume-se em fazer o registo dos vales e pouco mais, mas ele ambiciona. Já quando foi comigo à Madeira, no hotel e enquanto atendia o telefone ouvi-lhe eu: «daqui fala o secretário de fulano!»

O Manuel dos Santos, das abelhas nas horas vagas, também resolveu mandar imprimir seus cartões, um nadinha mais modesto; chama-se ali «aprendiz de apicultor».

Se vamos para a secção de pombas, também ali se nos oferece a variedade e assim por diante de tudo quanto seja assunto de horas vagas. Variedade é a expressão da natureza. A mesma seiva da mesma árvore alimenta a desigualdade de seus ramos. Ora pois.

— x x x —

Esteve ontem aqui um grupo de franceses. Era tardinha. Tinham fechado as oficinas e ao

que parece, aquele grupo vinha justamente para observar quantas e de quê. Nesta altura, amigo «Banana» aproxima-se. inteira-se e oferece-se para mostrar a sua; ele é tecelão. Quando se lhe põe o problema da língua, resolve-o num instante: «eu sei francês!» E foi mostrar a sua e todas as oficinas da aldeia aos visitantes! Claro que o rapaz não sabe nada francês; ele tem a 4.ª classe e enche canelas, mas foi. No final perguntei e ele disse que sim. «Mostrei e expliquei tudo aos senhores!» Se gestos, se olhares, se figuras, se sons, se quê, não sei. Não sabemos. Tão pouco tivemos ocasião de perguntar, pois que os visitantes se foram embora sem confirmação, sinal de que o cicerone satisfiz! O que sumamente importa é o rapaz desenvolvido; o que não conhece nem admite dificuldades; o que acredita nos seus próprios recursos e os põe à prova. A esta sorte de rapaz, basta uma leve e doce orientação; o mais é com ele mesmo.

Não me canso de recomendar aos meus padres colaboradores que se não intrometam e deixem o visitante com o cicerone. Mesmo que se trate de um grupo em missão de estudo, e até por isso, convém que seja o rapaz. A sua graça, a sua expressão, a sua Verdade. A nossa ausência completa. Em obras de Mocidade dê-se a palavra à Mocidade.

— x x x —

O António Marques, hoje em Gôndola, de África, descreve: «diga aos nossos rapazes que não tenham medo de vir para aqui, mas que venham casados». Mais adiante informa que no dia 13 de Maio foi um quase Fátima e acaba — «aqui é Portugal cristão e crente». Sempre em nota crescente ele diz que o clima aqui é tão bom ou melhor do que aí, com legumes frescos e frutas». Prevê a ida de mais dos nossos com ofício para a firma que o emprega «para que o nome da Casa do Gaiato suba no coração deste povo de Gôndola»; e remata — «Deus lhe pague o bem que fez», assinando ele e sua mulher. Perdão. Não disse tudo. O António acrescenta — «também pedia se me enviavam o Famoso e qual a importância a pagar por um ano para eu poder enviar pelo correio». Agora é que é tudo.

Por este andar não leva muito que não tenhamos de manter um serviço de correspondência com os ausentes, nomeando para esse fim o rapaz secretário. Temos fugido até hoje e sido feliz em evitar a «secretaria», mas por amor de melhor distribuição de serviços temo não ser capaz de sustentar a boa resolução. Vamos a ver.

— x x x —

Ora agora o que se pretende é um bocadinho de atenção para a carta de um amigo e hoje grande freguês das nossas oficinas de ferro. Ora leiam:

«Acabo de receber uma carta subscrita por um dos Amigos, seus simpáticos rapazes (que

pena não saber quem é) na qual me informa da remessa da grade para a porta vidreira e mais quatro pequenas para as da garagem.

Já as levantei no Caminho de Ferro, tendo ficado satisfeíssimo (é o termo) com a perfeição do trabalho executado. Com muito orgulho, mostrei-as a vários amigos e posso afirmar-lhe sem a mínima ponta de exagero que foram apreciadísimas.

Peço-lhe pois, que transmita a todos os rapazes e meus amigos, que as fizeram, os mais sinceros parabens e muitos agradecimentos».

Não queremos chamar a isto um reclame de sentido comercial; nós não somos comerciantes. Mas sim desejamos produzir nas almas comoções agradáveis, sabendo-se quem eram e o que hoje são estes trabalhadores! Nem há maneira mais eficaz e mais saudável de os aproveitar do que isto de lhes proporcionar trabalho. É tudo rendimento; enquanto que em nossas casas ajudam a ganhar o pão que eles e seus companheiros consomem, alcançam bagagem para o dia em que tiverem de ceder o lugar a outros. Por isso mesmo os senhores digam o que desejam e nós cá executamos. Hoje vai-se para isto. Tanto no exterior como no interior das habitações diz muito bem o ferro trabalhado.

Também oferecemos quantidade e variedade de apliques em exposição num grande armário também de ferro. Os cicerones mostram. As coisas têm preço marcado. É só ver escolher, puxar pela carteira e adiante.

CHALES DE ORDINS

Lisboa acusa a recepção e diz que, para o fim do mês, fará nova encomenda. Barcelos recebeu cinco chales e «eu prometo fazer a propaganda que possa. São muito lindos». Ponta Delgada (Açores) transpõe os mares com 200 para dois dos médios. Chama-lhes «famosos». Lisboa um pequeno para um pequenino bebé. Carção um dos grandes. Lisboa com 100, um de 90. Vila de Rei com 125 um de 110. Porto veio ver-nos e levou um dos grandes. Outra vez o Porto com um de 60. Santa Luzia (Alentejo) deseja conhecer os tão «apreciados» chales de Ordins, para se tornar «propagandista de obra tão bela, tão cristã, tão edificante», e envia 130\$ para dois dos pequenos. Serão para agasalhar dois sobrinhos gémeos, «a quem muito quero, embora ainda não conheça». Se assim tanto lhes quer, que dirão os pais?

Maфра com cem um de 90. Porto veio ver-nos e fez a sua encomenda para o próximo inverno: quatro dos grandes com uma nota de 500 nas mãos. Leiria (Quinta Sirol) um dos pequenos. Esperamos um postal a dizer-nos a cor preferida.

mas elas querem mais. Estão construindo um abrigo para os deles que ficam para o dia seguinte e assim, além das refeições quentes, uma cama para dormir! Ora isto é o que se chama ir ao encontro, sentir com os doentes. Qualquer um dos socorridos terá também ocasião de sentir com estas senhoras e dizer consigo mesmo — «tanto nos amam, que até parece que já foram como nós»; — identificação do amor!

Tínhamos gasto um grande quarto de hora no Lar do Gaíto, elas sentadas na cama e eu num caixote, e agora vem a quinta. Um negócio. Elas falam em mil contos. Propõem-se conseguir esta quantia por meio de folhas soltas, cada uma de cinquenta cotas, e estas a 2\$50 que representa o custo de de um metro quadrado. Ao que percebi, anda um número de vicentinas nesta

NOTA DA QUINZENA

Cont. da pág. UM

distribuição. Isto são os meios ordinários e modestos de conseguir o dinheiro. Tem de haver muita constância. Repetir muitos actos de humildade. Mas a verdade toda é que estas vicentinas podem estar absolutamente seguras e entrar desde já em negócios como se tivessem os mil contos na mão. Elas já o têm! Onde? Em Caneças e em Belas. Em cada sítio existe uma casa de recuperação de tuberculosos pobres. Cada um sente-se em sua casa e ambas elas estão cheias. Na cidade de Lisboa, existem dois lares de recuperados, para os quais se procura e tem-se conseguido emprego adequado. Agora é uma quinta para ampliar, dar plenitude, causar alegria na alma dos que fazem o bem e dos que sofrem o bem. Por isso mesmo se afirma. O dinheiro está certo. Afaste-se a dúvida e o milagre opera-se. Cristo não fez milagres na sua terra natal!...

Pretendem elas e assim nos pediram duas palavras no «Gaiato» e parece que nos devíamos furtar. O mundo pensa assim. O mundo ensina assim. Mas a verdade é que nós não somos nem queremos ouvir lições do mundo. Pedindo aqui no jornal para as «Casas de Nossa Senhora do Amparo», pedimos para a Casa do Gaiato, pedimos para o Património dos Pobres, pedimos para o «Calvário». Quanto mais pedirmos para os outros, mais e melhor pedimos para nós. Se nos quisermos salvar a nós temos de trabalhar intensamente na salvação dos mais. Esta é a doutrina.

As vezes acontece que alguém nos convidá a ir ver a sua obra e no final encarece: «ponha no jornal». Porém nem todas. Há muitas obras erradas e o pior erro consiste em que a pessoa responsável não o quer ver. Temos ouvido palavras amargas e injustas — «você é um egoísta. Só quer a sua obra». Isto não é verdade. Isto é a trave a falar ao argueiro.

pessoas amigas vieram ver-nos e... aos nossos chales. Tentaram-se e levaram dois de 90 e um de 110, tudo por 310\$.

— x x x —

Como os leitores verificam, já há quem se previna para o próximo inverno. Só há que louvar tamanha providência. Quem assim não fizer, encomendando já o seu chale, arriscar-se-á a não ser servido no inverno. Não é propaganda. Muito menos má vontade da nossa parte. Pobreza, sim. É que não podemos fazer «stok». Podem-no os industriais e comerciantes. Não somos uma nem outra coisa. Falta-nos, por isso, capital, para armazenar a matéria prima. Vamos encomendando, de cada vez, 15 Kgs. de cada cor. Em acabando tornamos à Fábrica. E, no inverno, esta avia morosamente os fregueses, pela acumulação de encomendas.

Por outro lado, as nossas artezas, por pobres, não podem trabalhar, sem receberem logo a paga. Nós, por pobres, não podemos pagar-lhes, senão quando os clientes nos paga-

Continua na pág. QUATRO

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Propositadamente estivemos na entrega de casas na Livração, as primeiras do Concelho do Marco, no intuito de denunciar um erro e pedir que se não repita, visto como o pároco da freguesia deseja entender o seu zelo a mais duas residências e desta sorte, remedia a causa dos Indigentes na sua paróquia. Naqueles sítios, ao que parece, preferem ficar sem dedos a ceder uma nesga de terreno, e daqui nasce que o P.e João viu-se na necessidade de aceitar uma ribanceira. Resultado: gastou mais em muros de suporte do que propriamente na elevação das moradias. Foi obrigado. Não lhe deram alternativas; ou aquilo ou nada, e ele, o pároco, queria fazer alguma coisa. O Concelho tem agora uma demonstração. Os párocos podem-se inteirar. Estão hoje quatro famílias abrigadas. Ora aquela escarpa é o terminus natural de uma extensa planície. Os donos de uma coisa são os donos da outra. O bom senso é o caminho que leva a uma recta consciência. Neste domínio e a esta luz, compreendem os homens de fortuna quais os seus deveres para com os Sem Nada. Não sei se naquela freguesia existem assinantes do «Famoso». Na dúvida, alguém que conheça a terra e as pessoas prestaria um grande serviço à causa do Património, sublinhando a tinta encarnada e fazendo seguir. Digo à causa do Pobre, mas também e principalmente à vida dos de fortuna. Estes precisam de dar. A nossa missão em última análise é mesmo esta; convencer os homens a dar aos homens. A essência do cristianismo está aqui. Dar com alegria. Dar com valor. Não queiram sujar as mãos.

—x x x—

Para que os interessados fiquem sabendo, damos hoje notícia de várias placas. No friso de sete casas que são na vila de Esposende, podem ser vistas «Casa das três Marias», «Casa Nossa Senhora das Dores», «Casa da Maria Antónia». Quem passa pela estrada nacional, que corta a vila em duas, afasta-se um nadinha em sentido ao mar e ali encontra. São das casas mais belas que conhecemos. Há sítio para muitas. O pároco, espírito juvenil num corpo cansado, deseja construir mais delas, juntamente com seus vicentinos. Então quê? Nada. São homens contra homens — e acabou.

Em Vale de Ferreiros, estrada Porto-Valongo, existe um cabeço da Freguesia de Rio Tinto, onde se podem ver casas feitas e habitadas. Pois ali temos «Casa Maria do Carmo» e casa «Uma Graça do Coração de Jesus». Esta fica rentinha à estrada, para que vejam. Que nome! Que devoção! Todos os anos o mesmo que deu esta deseja dar uma todos os anos. Não fosse as pequenas tempestades que se costumam formar na presença das coisas novas, e nós teríamos ocasião de ver já em nossos dias casas consoante a dignidade do homem. A dois passos

do Colégio da Formiga, e também quase rente à estrada, lê-se

«CASA PIO XII»

um presente de anos ao Papa Reinante. Finalmente e outra vez na estrada Porto-Valongo, em S. Martinho do Campo, pode ser vista a placa «Viver, deixar viver, ajudar a viver» — um resumo dos mandamentos da Lei de Deus.

—x x x—

Uma vez que falamos em placas, não é de mais dizer-se que a Cerâmica do Carvalhinho manda facturas de todas quantas ali se fazem e não tem pedido dinheiro por nenhuma delas. Primeiramente entendemos com os Aleluia de Aveiro e aquela fábrica fez mais de cinquenta. Mais tarde passamos para Gaia com a mesma receita. Tencionamos a seu tempo bater a outras portas para que se cumpra aquilo que diz o povo: «onde todos pagam...»

—x x x—

O andamento de construções no findo vai froixo. Muito froixo. De forma que estamos em comunicação com párocos

da Ilha a quem faz doer a sorte da arribana. Entendem eles que esta é para os animais. Parece-nos que por isto não merecemos a censura de ninguém, até daqueles que na cidade nos confiaram dinheiro. Tão pouco o Ex.mo Engenheiro Arantes e Oliveira. Chegou o tempo. A urgência impõe-se. Dúvidas e discussões são um prejuízo. Quem trabalhar chame por nós e nós damos. Aos que não trabalham, até o que é deles se lhes tira. Pronto.

—x x x—

Esta doutrina aplica-se também a Ponta Delgada. Além dos contos do Senhor Ministro, os particulares estão resolvidos a dar tanto ou mais do que Ele. O nosso padre Elias manda notícia de donativos que nos obrigam. Pois que ninguém nos leve a mal se tal paróquia com dinheiro consignado, o veja passar para as mãos do visinho. Não é um esbulho. É sim a condição do Pobre. Na nossa larga experiência de visitador da Toca, nunca em nossa vida; Ponta Delgada é o cúmulo!

Quem for o primeiro a libertá-los é o primeiro aos olhos de Deus.

Aqui, Lisboa!

Continuação da primeira página

cinco padres, encarregados de dez casas, com um total de quinhentos rapazes e todos os cuidados materiais inerentes ao viver comum de cada casa. Se o rendimento não é de 100% (e nunca o será!) sabemos, contudo, pela experiência feita, que este é o caminho; e sofremos a humana limitação que nos impede de fazer mais e melhor. Portanto, a conclusão de Pio XII é uma vez mais confirmatória:

«De tal solicitude individualizada derivará, no rapaz, o estímulo para afirmar e desenvolver o seu temperamento pessoal, o espírito de empreendimento, o sentido da responsabilidade para com os superiores e os colegas, de modo não diferente do que se ele vivesse no seio de uma numerosa e bem ordenada família».

E, neste ponto, os gaiatos são prova indiscutível de personalidade, de espírito de iniciativa, de sentido de responsabilidade, para além até do que é vulgar em muitas de «bem ordenadas famílias».

«O segundo carácter que deve enformar a educação colegial consiste na moderação... «Até mesmo os exercícios de piedade devem conhecer a exacta medida, afim de que não se tornem peso quase insuportável e não deixem na alma o tédio... «Deve-se, certamente, ajudar e exortar o jovem a rezar mas sempre em tal medida que a oração permaneça uma doce necessidade da alma».

Nós fomos (agora somos menos) objecto de escândalo, porque não há em nossas casas a missa quotidiana obrigatória; porque a vida de piedade é somente aquela costumada nas

famílias cristãs da nossa terra. Os escandalizados (Deus sabe se farisaicamente...) poderiam ter lido há muitos anos as regras que o Santo Padre agora traça, nestas palavras lapidares de Pai Américo sobre a nossa missão na vida sacramentária dos rapazes: «Despertar-lhes o apetite; pôr-lhes a mesa; e chorar os nossos pecados se eles não quiserem viver».

Despertar-lhes o apetite — eis a chave do segredo.

Não esqueçamos que o rapaz é um ser racional, embora muitas vezes circunstâncias estranhas tragam embotada a sua inteligência. Quando se lhes mostra a Verdade, sem o pavor preconceituoso da grandeza d'Ela — porque, afinal, a Verdade é Deus e Deus é simples — pode ir-se muito longe no dar e no pedir consequente.

Ainda menos esqueçamos que o rapaz tem coração e ambiciona ser amado e amar. Quando se inculca «o sentido do dever mediante a persuasão pessoal e com argumentos de razão e de afecto» — como recomenda o Pontífice — vamos colher correspondência em grau tamanho de generosidade que temos de ajoelhar diante da graça de Deus, que gera lírios de abrolhos.

Não se julgue abstracto aquilo que digo. Enquanto escrevo, digo, uma a uma, almas maravilhosamente belas que dois anos de padre me deram oportunidade de tocar.

Que o Senhor seja louvado pela abundância da sua misericórdia e continui abençoando esta obra que é, pela força e para Glória do Nome Bendito de Jesus.

Padre Carlos

Pelas Casas do Gaiato

PAÇO DE SOUSA

—Não temos sido assíduos nas notícias da «cidade dos rapazes», mas as culpas não nos cabem inteiramente; factores vários têm contribuído. O principal é a falta de espaço com que permanentemente lutamos, e a ginástica que fazemos para metermos todos os artigos nas quatro páginas do «Famoso». Também um pouco de preguiça e a caneta que me desapareceu. Ora bolas...

G. D. Casa do Gaiato..... 4

Futebol Clube de Vizela... 3

Tivemos a grande alegria de receber no nosso parque de Jogos, o Futebol Clube de Vizela, filiado na Associação de Futebol de Braga, na primeira Divisão Regional.

Antes deste encontro defrontaram-se as nossas reservas com o Areosa, tendo-se registado um empate a duas bolas.

Depois principiou o encontro principal, em que merecidamente vencemos por 4-3 o nosso antagonista. Este jogo foi disputado com bastante alegria e emotividade, pois o marcador funcionava alternadamente. Jogamos bastante melhor e com a equipa mais completa do que em Recarei. O nosso adversário pôs-nos em dificuldades logo no começo da contenda, mas depois de assentarmos o jogo, conseguimos equilibrar a partida. A primeira parte deste encontro pertenceu ao nosso adversário, mas começou a ser a segunda metade da partida e à medida que o tempo ia decorrendo, o G. D. da Casa do Gaiato ia-se tornando senhor da situação e veio a ganhar a partida com inteiro merecimento, graças ao labor das linhas intermediárias. O nosso grupo não jogou praticado futebol de alto nível, tendo com muita vontade. Todos se mostraram dignos da camisola que envergaram. A todos cabe o seu quinhão nesta boa vitória do nosso grupo, que vai fazer dois anos que não conhece a derrota. Foi uma partida muito agradável de seguir, pois o jogo repartia-se pelos dois meios campos. Enfim, encontro bem disputado, com rispidez e sob um sol intenso, que dificultava ao máximo a acção dos jogadores.

No nosso adversário destacamos o trabalho do guarda-redes, médio esquerdo e interior do mesmo lado.

Nos nossos:

Brito esteve certo. Distinguiu-se com duas grandes defesas para canto. Tem subido de forma e mostra bastantes progressos. Quim esteve bom. Augusto foi o esteio da defesa. Pinheiro foi bastante esforçado, tanto a defender como a atacar. Dos avançados, Rui e Alcino foram os melhores.

Alinhámos:

Brito, Quim, Augusto e L. Carvalho; Daniel e Pinheiro; M. Cerqueira, Alcino, Gaia, Rui e Banana.

Futebol Clube Vizela..... 3

G. D. Casa do Gaiato..... 5

Desafio efectuado no Campo Agostinho de Lima, nas Caldas de Vizela. O Grupo Desportivo da Casa do Gaiato foi feliz na sua deslocação à Rainha das Termas Portuguesas. Além dum ótimo passeio, proporcionou um belo espectáculo de futebol. Com a linha completa e a jogar com vontade, o nosso grupo mostrou a sua capacidade pois ganhar em Vizela não está ao alcance de qualquer equipa.

Todos jogaram bem desde a defesa ao ataque e até com um pouco mais de sorte teríamos vencido mais expressivamente. Ao intervalo o marcador já estava em 3-0 para o Gaiato, tendo o árbitro anulado dois por deslocação.

As primeiras jogadas foram delineadas no nosso meio campo, procurando o grupo da casa atirar ao golo de qualquer maneira, pertencendo-lhe os primeiros momentos de perigo, não conseguindo entretanto, concretizar essa vantagem. O nosso grupo foi crescendo e os golos não tardaram a aparecer.

A segunda metade teve as mesmas características da primeira, mas isto por já usufruirmos da vantagem de três bolas sem resposta. O Vizela marcou primeiro, logo a seguir aumentamos a vantagem e foi ainda o Vizela que se aproximou, marcando mais duas vezes, ficando o resultado em 4-3. Atiramo-nos novamente ao ataque dominante e marcando mais uma vez. Portanto, G. D. Casa do Gaiato 5, Futebol Clube de Vizela 3.

Ganhamos merecidamente e desta vez a vantagem conseguiu exibir-se à altura

do nosso grupo. Todos se portaram da melhor maneira, destacando-se entretanto o trabalho de Rui e Banana. Este muito pequenito, mas jogando como gente grande. Que pena este Banana não ter mais um pouquinho de físico! Se tal acontecesse era de longe o nosso melhor jogador.

Autores dos golos: Rui 3, Alcino e Inácio. Este jogou muito bem, causando constantemente pânico na defesa adversária. Quinze valores portanto, para Carlos Inácio. Faltava ainda uma referenciadilha ao médio Pinheiro, um dos jogadores mais em evidência. Foi incensável de principio ao fim.

E o nosso grupo desportivo continua invicto...

DANIEL BORGES DA SILVA

A venda do jornal no PORTO

—Sobre a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, tenho a dizer que é uma das mais concorridas. Ao domingo o «Famoso», também lá vai fazer algum negócio; mas a unidade está sempre a diminuir; estou a ver que os Senhores estão esquecidos. Começamos por vender 150 e hoje o máximo é 90, 100.

Uma família da Rua Santa Catarina compra-me sempre 4 jornais e nunca pode deixar de ler as notícias do nosso periódico.

Há uma senhora um pouco idosa que, além de ser assinante, todas as quinzenas me compra o jornal, dando por cada número a quantia de 25\$00.

Na rua Faria Guimarães tenho um amigo que não quer ver o seu nome no jornal; não gosta de elogios, só pretendo auxiliar a Obra da melhor maneira e dentro das suas possibilidades.

Quero pedir aos nossos amigos leitores habituais, que continuem a lançar a mão à Obra.

ALBERTO DE ALMEIDA

Conferência do Lar do Porto

A Campanha de que lançamos mão «TENHA O SEU POBRE», parece não encontrar raízes no coração dos nossos leitores, pois não houve ninguém que quisesse enfileirar e por conseguinte não há nomes a registar. Entretanto, compreendemos essa recusa, visto haver várias campanhas como o «Património, Calvários», etc. impedindo a boa vontade de colaboração nesta. Tenhamos paciência. Para conhecimento informamos que temos 4 famílias precisas de auxílio que guardam a sua vez. Quem desejar tomar conta delas é só apitar.

Mais feliz foi o caso do pobre de S. Victor, alvo da caridade dos nossos benfeitores, que para ele enviaram:

Uma Maria 20\$00. Como sempre esta amiguinha está na vanguarda. Agradecemos a sua amizade e as palavras amigas que nos dirigiu. Assinante 17.740, 50\$00 com o pedido de uma Avé-Maria. Cumprimos sim senhor! O Sr. A. Lopes de Arroios também enviou 50\$00. Idem de um amigo da nossa «Santa Obra» como lhe chama um lisbonense. Recebemos igualmente 20\$00 entregues pelo Hélio (que o Sr. que lhes entregou não fique zangado pela demora como o Hélio ficou). 100\$ de um anónimo entregues no Lar do Porto; 10\$00 idem, e do assinante 23.338 igual quantia. De Murtoza, 50\$ do assinante 13.348 para a família de S. Victor que tem seis tuberculosos. E é tudo!

A todos englobamos num abraço de muito reconhecimento.

Na última visita aos pobres, tomamos conta de que a cama que demos ao pobre de S. Victor não cabe, mesmo com medidas especiais, no sótão e que uma visinha tomou conta dela, deixando também que as crianças durmam em sua casa. Pobres ajudando o seu semelhante. Deus os compensará.

Por curiosidade diremos que vivem 14 pessoas na mesma casa, sendo oito no sótão (as que auxiliámos) e que uma rapariga de 15 anos dorme junta com um irmão da mesma idade por falta de espaço. Miséria em todos os aspectos. Moral mizérrima e espiritual!

Até à próxima se Deus quiser.

P.S. — O nosso Lar é na Rua D. João

IV, 682.

Carlos Veloso

Setúbal

Sempre que a vida económica de um povo depende de um «se» condicional, essa mesma vida torna-se inconstante e aflitiva. E quando esse «se» pouco depende do governo humano, a situação toma ainda piores proporções.

Estamos há uns meses em contacto com a população de Setúbal e embora este contacto não seja permanente, temos sentido um pouco da sua aflicção.

A vida da maior parte desta gente depende do mar. Se o mar dá, muito bem e tudo vai correndo; se o mar dá muito, há um desequilíbrio proveniente da desorientação e abundância; se o mar não dá, reina a miséria em casa.

Como a maior parte desta gente passa a sua vida no mar, amolda a sua maneira de ser à do próprio mar. Durante este tempo a que nos referimos, o mar pouco ou nada tem dado e o ano passado foi um mau ano de pesca. Ao lado do mar este povo vive da agricultura. E todos nós sabemos a situação decadente em que está a nossa vida agrícola. Com o passado inverno rigoroso e com as chuvas torrenciais dos últimos tempos, este povo não tem tido ganhos. Vivem, sem ter de quê.

Ainda há pouco, alguém que conhece bem a vida deste povo me dizia com certa graça e com tristeza: «se o mar um dia dá muito, carregam-se de ouro e trazem as notas nos bolsos das calças; se o mar o outro dia não dá, vão a qualquer loja vender o ouro e gastam o dinheiro na taberna. Esta gente não tem reservas».

Hoje, domingo, deste lugar donde escrevo, estou a ver homens e homens a passar descalços e rotos. Magotes e magotes de crianças brincam do mesmo jeito. Olhamos para as suas caras e notamo-los raquíticos e deformados.

Ontem mesmo, um professor setubalense agora residente em Coimbra, me dizia à maneira de quem pede: «veja se ensina os meus conterrâneos a saberem governar-se. Olhe que em Setúbal perdeu-se a noção da família. As mães têm os filhos nas canastras e assim vivem. Os pais, em grande parte, não querem saber da mulher e dos filhos. Há um abandono familiar completo».

E não é necessário muito tempo para chegarmos a este conhecimento. Basta-nos olhar para os largos enxameados de crianças abandonadas e olharmos de conjunto para a cidade e não sabemos, nem compreendemos onde se possam albergar sessenta mil pessoas, tantos são os habitantes de Setúbal, segundo nos informam.

O espectáculo é de facto aterrador e o mar continua ingrato e os que têm ainda um pouco de consciência social apertam as mãos na cabeça sem saber o que se há-de fazer.

Tão pouco nós sabemos a solução. Uma coisa porém temos de enearar: não podemos cruzar os braços.

Padre Horácio

Nós estamos aqui a manter o fogo. Labareda que aqueça o espírito dos nossos amáveis leitores e assim prossigam na conquista de novos assinantes para o «Famoso». É que, meus senhores, não podemos esmorecer. Temos de ser persis-

tentes e a persistência é o princípio da vitória. Se estamos com uma tiragem de 43.000, não é possível atingir os 50.000? Basta que uma pequenina percentagem de leitores escute a palavra de ordem, se entusiasme e cami-

nhamos a passos agigantados para os cinquenta mil.

Têm vindo cartas. Uma espumantes. Outras dolorosas. Ainda outras cheias de esperança. A mais recente diz assim: «Peço desculpa de só hoje enviar a circular, pois já estava de posse dela há bastante tempo e o meu gosto seria mandá-la cheia, mas infelizmente não consegui: o povo está muito egoísta. Mas prometo com a ajuda de Deus ver se arranjo mais algum. Agora vai assim porque os primeiros que assinaram até devem estar a desconfiar de mim. Envio 153\$50, é pouco mas foi o que me deram; os que não pagaram pode ser que dêem mais qualquer coisa».

Não podemos dizer que as circulares cheguem aqui, em avalanche. Não. Vêm devagarinho. Porém, não fugimos à verdade dizendo que todos os dias recebemos novos assinantes. Uma parte dos felizes Angariadores queixa-se do mundo; queixa-se do que sofrem para conseguir, às vezes, um simples assinante! Que trabalhos, que canseiras, que persistência! Dá-lhes vontade de desanimar, dizer mal; porém, basta um, de entre os consultados; basta um, digo, que responda à chamada e o trabalho e as canseiras e as arrelias e tudo o mais, vale bem a pena. Esse Um terá, perante Deus, grande valor. Porquê? Deus está em nossos corações. Deus está em toda a parte.

No último número fizemos um apelo aos empregados das grandes empresas. Ter-se-iam esquecido? Agora tornamos a lembrar. Olhem «O Gaiato». Propagai «O Gaiato». Convençei os vossos colegas de trabalho. Conquistai-os para a nossa Família — a numerosa Família de assinantes e leitores do nosso Jornal. Vamos ver que nos traz o correio Depois falaremos.

Hoje ficamos por aqui. Queira Deus que na próxima quinzena possamos dar ainda melhores notícias. Até lá, boa disposição e coragem para enfrentar os «incautos». E que venham muitos, são os nossos votos.

J. M.

Notícias da Conferência da nossa Aldeia

De uma assinante de Setúbal, 20\$. Assinante 10.250, 30\$00. José Almeida de Eça, 5\$00. Lamago, 20\$. Uma carta: «Junto envio a quantia de 200\$ para os pobres da Conferência de S. Vicente de Paulo dos rapazes de Paço de Sousa». É de Lis-

Havia de ser no capítulo «Isto é a Casa do Gaiato», pois que deles vamos falar, porém o assunto é tão delicado que resolvemos dar-lhe este caixilho. Mais do que delicado diríamos santo. Trata-se das Origens. Origem da vida. Vida humana, de todas a mais preciosa após a Encarnação. Jesus Cristo é Homem!

Os nossos rapazes não costumam desligar-se da casa, mesmo que as circunstâncias os afastem. Onde quer que se encontrem comunicam em regra suas alegrias e suas tristezas. São abertos. Se casados, sobe a maré. Há sempre mais que dizer. Justamente acabamos de receber carta de um zambezião, onde fala de «um filhinho nosso que, se Deus permitir, nascerá em Julho. O entusiasmo já transborda ao ouvir bater-lhe o coração, quando a mãe vai ao médico e este me permite ouvir».

A notícia atravessou o atlântico sem perder nada da sua frescura. Vai dar agora uma volta maior, embeber corações de cem mil leitores e nada perde da sua beleza. Se daqui a um século, a mesma comoção. Porquê? Por causa da origem sagrada e profunda da vida de uma criança! Nem tempos, nem distâncias, nem nada. Deus é eterno.

Em lugar do realismo com que se pintam hoje doutrinas falsas, vem ali um outro realismo, em riqueza de pormenor, onde nem sequer escapa a delicadeza — «quando o médico me permite». E ficamos a meditar com as mãos erguidas em acção de graças ao Pai Celeste, descobrindo que ainda há muitos sítios sem lama, na terra que a gente pisa. Ignoremos o facto de outros procurarem resolver de outras maneiras, médico à frente! Deixemos os sábios. Os economistas. A técnica: — o mundo a «ensinar» o que ignora! Tudo isso se perde e se confunde diante da verdade, a «Única», dita e praticada por um Rapaz da Rua, que bebeu leite na Casa do Gaiato!

Mas há mais. Nós recebemos diariamente montes de notícias dos ausentes e esta que vamos dar interessa, porque paralela ainda que noutras circunstâncias.

«Tivemos mais um filhinho; veja Pai Américo a fome que vamos passar». Esta é da metrópole. O rapaz mora a quilómetros do Porto, mundo velho e gasto que sem grandes doses de seiva mal produzirá.

Pois muito bem. O gaiato nem por isso desanima. Também ele bebeu do nosso leite a passar de oito anos. Também ele ensina o caminho.

Júlio Mendes

AGORA

Já há muito que não vinham mas tornaram agora os ferroviários de Vila Real com 232\$50. Cá vão eles na procissão. Se todos eles se quiserem organizar e dar por mês cada um \$50, não é preciso mais nada! Os sócios de Proença-a-Nova tornam a vir com 500\$. Digo tornam, porquanto muitas vezes têm vindo. Deus os ajude. Também vai aqui Alguém de Luanda com três dúzias de contos. Não diz quem é. Num pequenino cartão feito à máquina diz assim: «se a uma destas casas puder ser dado o nome de — «Casa do Quim» e ser construída no distrito de Castelo Branco, agradeço». Inteirado. A seu tempo diremos aqui onde a casa vai ficar. Toda a gente há-de gostar de ler esta devoção; é com certeza o nome de um filho. Nome familiar. Se único, se o mais querido de todos, se quê, nada disso importa. É o Quim. Vamos ter no Património a «Casa do Quim». Muito gostaríamos de agradecer, mas não sabemos a quem. Maior a sua recompensa! O Senhor Horácio do Rio de Janeiro acaba de enviar três contos para mobilar a casa que em tempos o seu grupo ofereceu e vai aqui na procissão. O mancebo que não fuma para poupar 20\$, também aqui vai com eles na mão. Uma senhora do Porto que há tempos ofereceu uma casa, esteve aqui no domingo com outra senhora pela mão. É uma sua amiga. Não soube aquela senhora dar-lhe maior prova de amizade do que induzi-la a oferecer também uma casa e assim aconteceu. Mais beleza na procissão. Aqui se diz que a «Casa Maria do Carmo» pode ser vista da estrada em Vale de Ferreiros, entre o Porto e Valongo. Há ali um cabeço com algumas mas quem dera mais. Muitas mais. É um jeiti-

CHALES DE ORDINS

Continuação da segunda página

rem. Não podemos, portanto, fazer «stok» de chales.

Para resolvermos esta dificuldade, duas soluções se nos oferecem: ou os leitores fazem já a sua encomenda para o inverno, ou, então, venha daí uma alma caridosa que nos ofereça 10 contos, para podermos fazer maiores encomendas de lã, pagar adiantadamente às artezãs, fazer «stok». Quem nos lê que se feriu? Palavras bonitas temos recebido muitas. Esperamos, agora, o leitor silencioso que, desprendendo-se do que não lhe faz falta, há-de voar mais alto.

Padre Aires

nho da Câmara de Gondomar. E luz. E água. Tanta coisa linda e útil que se poderia fazer com pouco dinheiro! Mais doze contos. Mais vinte contos.

Muita atenção. Temos mais uma pedra de um gaiato africanista para a casa deles. É o Amadeu Mendes da Zambézia. Ele vai aqui com 500\$ na mão.

O Amândio de Londres está impaciente e não tarda muito que não venha por aí. Atenção a S. Paulo, ao Rio de Janeiro, às terras principais das nossas províncias ultramarinas. Não digo aqui nomes, mas cada um que por lá anda recebe o jornal e isto basta. Não quero que nenhum peça dinheiro, mas que dê totalmente do que é seu. Já tenho lugar escolhido e planta também. A «Casa dos Gaiatos» vai ficar rente à estrada entre Porto e Valongo, em uma das muitas curvas abandonadas e ora oferecidas à Obra da Rua pela Junta Autónoma das Estradas.

Mais 30 contos. Que chuva! Que formidável pancada para os eternos assambarcadores de notas de banco e quão cegos! Não viram ainda a multidão dos Remediados em marcha vitoriosa para um juízo de salvação, nem se espera que vejam.

Ora agora queiram ter a bondade de se afastar um nadinha, que Silves vai passar. É o Algarve. Tirar Vila Real de Santo António, onde já parece ter chegado a aflicção, todos os sítios se calam e acham bem. A carta é assinada por Isabel e seu marido. Que ninguém separe o que Deus junta! No corpo da dita vem assim: «lemon pela cartilha de S. Francisco de Assis, sempre velha e sempre actualizada — é dando que recebemos». Este é o «date et dabitur». Não há no mundo regra mais infalível, nem que mais assuste: «dá e receberás» — programa da altíssima pobreza do Evangelho! Nos primórdios da nossa vida de mendigo, era mui frequente vir a carta com dinheiro, onde se recomendava «metade para si e metade para os pobres». Outras vezes, era um pacote de roupas e a notícia «vai uma peça nova para si»; e desta forma, na mais pura das intenções, ia-se tirando toda a eficácia aos passos do mendicante. Tivéssemos nós feito assim, que tínhamos hoje para dar? Qual é o homem que pode realizar coisas altas sem este espírito de altíssima pobreza, qual? Nenhum. Com este sermão já me ia esquecendo que dentro era um cheque de seis contos, primeira prestação da «Casa Silves». Deixem passar.